



**Com a posse de um novo Presidente dos EUA abre-se uma nova linha de estilo na Casa Branca**



A moda serve para comunicar mensagens e historicamente tem sido assim com as primeiras-damas dos EUA

• PAG 4 e 5

**Belas festas de 15 anos estão de volta cada vez mais glamourosas e dão brilho à vida social**

• PAG 3

Divulgação



### CELEBRIDADES

Hollywood estão empenhadas em ajudar as vítimas dos incêndios florestais que queimaram mais de 160 quilômetros quadrados da região de Los Angeles. Nomes como Julia Roberts e George Clooney estão colaborando em um leilão beneficente para a arrecadação de fundos para os habitantes da Califórnia que perderam casas e posses para o fogo

• PAG. 3

**U**ma escala de sons que ressoa do fundo de minha infância chega pelas janelas abertas para a manhã de outono. É o afiador, que, além de inundar de acordes o azul do dia, proclama seu ofício ao longo da rua ainda semiadormecida ao sol de domingo. Não está com sorte. Provavelmente sua profissão é hoje desconhecida.

Eu, no entanto, venho de épocas em que tanto suas harmonias quanto seus préstimos eram não só familiares, como apreciados com particular estima e consideração. Fazia parte de um clube de ambulantes que não tomavam as calçadas nem vendiam gato por lebre. Eram seus colegas o vendedor de cartuchos, exímio no balançar da matraca, o de puxa-puxas, afinadíssimo no clarim de lata, o contrabandista discreto que atendia a domicílio e só lidava com artigos de procedência garantida, do acrocel uruguaio ao uísque

## RECORDAÇÕES

**do menino que no fundo nunca deixei de ser e de um universo que nunca mais voltou**

escocês. O afiador se anunciava por um apito de plástico que requeria alguma prática e habilidade: começava por um andantino e rematava por um scherzo. Me fascinava aquele instrumento, no geral bicolor. Mais ainda me atraíam as faíscas da pedra mó, que girava ao ritmo compassado de um pedal, devolvendo compostura e fio a tesouras, facas e canivetes.

Tenho quase certeza de que os afiadores antigos nem sonhavam com a re-

luzente bicicleta utilizada agora por seu sucessor. Bate na minha desmemória um estranho veículo, dotado de uma roda grande e de outras duas de menor calibre (seriam rolimãs, como as dos carrinhos de lomba?). Consulto a Internet, nada consta. O Google me pergunta se a palavra que quero pesquisar não será por acaso aviador. Para os provedores, o passado tem a profundidade de uma gota com sede. Nada me esclareceriam se lhes indagasse onde foram

parar as pensões que floresciam na outra quadra, o esquisito inglês que trazia a passear seu cão harrier nestas vizinhanças, os jogos de bolita, ou os bondes que trilhavam a neblina.

A informática não foi inventada para senhores nostálgicos, há de me dizer uma senhorita que já nasceu digitando teclas e decorando senhas. Sei não. Mergulhar no passado não é uma simples mania. A Teoria da Relatividade tem mais de 100 anos, mas não há ninguém mais moderno e atual do que Albert Einstein, aquele que ensinou que o tempo não é igual para todos. O meu, por exemplo, é povoado das recordações do menino que no fundo nunca deixei de ser e de um universo embalado pelas melodias do apito dos afiadores e de outras sinfonias de uma cidade-menina que existiu bem aqui, mas depois disse adeus e nunca mais voltou.

Fotos/ Divulgação/ Cristiano Mariz



A ministra Margareth Menezes com sua mesa de trabalho ao fundo

# MINISTRA DA CULTURA CANTA EM SÃO LUÍS

A Ministra da Cultura, Margareth Menezes, realiza o primeiro grande show da temporada pré-carnavalesca de 2025 em São Luís.

A cantora baiana desembarca nesta Capital no dia 8 de fevereiro (sábado) para uma única apresentação na área de lazer do Rio Poty Hotel & Resort, com uma produção assinada pelo empresário Juninho Luang, que está trazendo também, do Rio de Janeiro, para essa grande noite, uma ala da bateria da Estação Primeira de Mangueira, considerada a maior escola de samba do planeta.

A prévia carnavalesca começa às 17h com duas atrações locais: o Marabloc (da Marambaia do Samba, escola campeã do Carnaval maranhense) e o sensacional Bicho Terra, do Grupo Barrica.

## Gabinetes do Poder

Nesta semana, a jornalista Renata Agostini publicou uma reportagem sobre Gabinetes do Poder, dando destaque para a Ministra da Cultura, Margareth Menezes.

Segundo Renata Agostini, quem chega ao gabinete da ministra da Cultura logo repara na grande pilastra que adorna a parede de entrada. Descoberta numa reforma há 20 anos, ela foi pintada de vermelho e acabou sendo mantida pelos diferentes inquilinos da sala ao longo do tempo. Na gestão da baiana Margareth Menezes, porém, ganhou significado especial. Trata-se de uma herança dos tempos em que o ex-ministro Gilberto Gil, seu amigo e padrinho na música, ocupou o espaço. Como o conterrâneo, ela fez uma pausa na sua bem-sucedida carreira nos palcos, para assumir um cargo em Brasília a convite do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Nos últimos seis meses, O GLOBO visitou gabinetes de algumas das principais autoridades na capital federal para mostrar como é a rotina no Judiciário e em diferentes áreas do Executivo, onde são tomadas decisões de impacto para todo o país.

A estreia dessa incursão por dentro do poder fez sua estreia revelando que a sala do ministro Gilmar Mendes, ponto de encontro concorrido no Supremo Tribunal Federal (STF), é recheada de referências a Pelé e ironias com a Operação Lava-Jato. Já no Palácio do Planalto, Alexandre Padilha recebe deputados, senadores, prefeitos e governadores em um espaço repleto de itens do Corinthians – o titular das Relações Institucionais torce para o mesmo time do presidente Lula.

A um quilômetro e meio dali, Margareth decidiu renovar a decoração assim que assumiu a pasta. Dar cara nova ao ambiente de trabalho era preciso para mudar o “clima pesado de tristeza” deixado pelo governo passado, nas palavras dela. Sob Jair Bolsonaro, a Cultura foi rebaixada de ministério à secretaria e viu alta rotatividade em seu comando. Foram cinco diferentes nomes: de Roberto Alvim, que caiu após emular num pronunciamento falas do chefe da propaganda nazista, passando pela atriz Regina Duarte até chegar a Mário Frias, o último a ocupar o posto.

– Estava muito feio (o gabinete). Encontrei algumas esculturas estranhas, itens que não combinavam. Fizemos uma renovação. Tiramos muitas coisas e trouxemos uma simbologia da cultura nacional – afirmou.

A pilastra vermelha dos tempos de Gil, a quem Margareth diz vez ou outra recorrer para ouvir conselhos sobre o cargo, foi um dos poucos elementos mantidos por lá “como lembrete da história”. Dois quadros do pintor Rubem Valentim estão hoje acompanhados de uma grande pintura de Manabu Mabe, japonês naturalizado brasileiro que foi um dos pioneiros da pintura abstrata do país. A tela em tom vermelho sobre o sofá ajuda a colorir a sala e contrasta com os amplos janelões de vidro que ocupam toda a lateral do gabinete.

Com a ajuda de mesinhas e estantes, amostras do trabalho de artistas brasileiros e peças de artesanato foram espalhadas pela sala.

Boa parte foi amealhada em andanças da ministra pelo país e em viagens oficiais nestes dois anos de governo. É o caso da coleção de pequenas esculturas que retratam mulheres e de instrumentos musicais, como uma “viola de cocho”, descrita pela ministra como especial. Poderia ser um lembrete discreto da vida pregressa de Margareth, mas a conecta, na verdade, com um dos marcos de sua gestão. A viola foi construída durante a IV Conferência Nacional de Cultura, que ocorreu em março do ano passado após uma década de hiato.

Rodar o país e incentivar artistas fora do eixo Rio-São Paulo são metas de Margareth, construídas a partir dos pedidos de Lula. É o que estimula a ministra a seguir num posto em que ainda não está plenamente adaptada, admite. Segundo ela, além do desprestígio no governo passado, a gestão da Cultura precisava de ajustes para que oportunidades fossem espalhadas pelo país. Como exemplo, ela cita o principal alvo da direita no setor: a lei de incentivo ao setor cultural.

– O pessoal critica tanto a Lei Rouanet sem conhecer. Mas a critica também com certa razão, porque o histórico mostra uma concentração muito grande na região Sudeste. Precisa funcionar para todo o Brasil.

## Faraó sempre presente

Além do retrato do presidente na parede e o registro de sua posse, praxe em todos os ministérios, a ministra guarda um espaço especial para uma foto tirada com Lula ainda em 2013, em Salvador, durante encontro do petista com artistas. A proximidade com ele, porém, só veio mais recentemente por intermédio da primeira-dama, Rosângela da Silva, de quem Margareth é amiga.

Janja também tem lugar de destaque na sala. Um retrato das duas no dia em que o letrado do Ministério da Cultura foi recolocado no prédio está logo ao lado da mesa da ministra. Foi a primeira-dama quem sugeriu ao presidente o nome de Margareth e a responsável pelo telefonema com a sondagem para o cargo, conta a agora ministra.

A relação de confiança e cumplicidade das duas faz com que Margareth esteja sempre fora dos palpites de quem deve ser alvo da reforma ministerial. Num gesto apontado como de prestígio, sentou-se à mesa principal do almoço promovido por Lula no Palácio da Alvorada no final do ano passado, ao lado do vice-presidente, Geraldo Alckmin, e de colegas que compõem o núcleo duro do governo, como Rui Costa (Casa Civil) e Fernando Haddad (Fazenda).

Apesar de ser uma cantora reconhecida, Margareth diz que, neste momento, está focada em ser ministra. Não gosta tanto quando as duas coisas acabam se misturando, como quando a pedem para entoar “eu falei faraó” em eventos oficiais, trecho de seu maior sucesso como cantora.

– Onde eu vou, esse faraó está presente – diz, aos risos – Geralmente quando eu canto é porque já estão “canta, canta, canta”. Eu levo numa boa. Mas nem sempre eu canto, não, viu.



Foto antiga com Lula, herança de Gilberto Gil dá o tom da sala de Margareth Menezes



Quadro em homenagem a Margareth Menezes



Margareth e Janja no dia da posse da ministra



Reprodução

Julia Roberts e George Clooney estão colaborando com a SoCal Fire Fund, organização que arrecada fundos para habitantes da Califórnia que perderam casas e posses para o fogo, em um leilão beneficente

## AJUDA ÀS VÍTIMA DOS INCÊNDIOS

As celebridades de Hollywood estão empenhadas em ajudar as vítimas dos incêndios florestais que queimaram mais de 160 quilômetros quadrados da região de Los Angeles. Nomes como Julia Roberts, George Clooney e Scarlett Johansson estão colaborando com a SoCal Fire Fund, organização que arrecada fundos para habitantes da Califórnia que perderam casas e posses para o fogo, em um leilão beneficente.

Lady Gaga, Billie Eilish e outras estrelas da música farão show em prol das vítimas de Los Angeles

Entre os itens leiloados, estão jantares e encontros com algumas das celebridades mais populares de Hollywood. É possível, por exemplo, almoçar com Roberts, se encontrar com Clooney nos bastidores da peça Good Night and Good Luck, conhecer Johansson na première do filme Jurassic World Rebirth e jogar golfe com o comediante Larry David.

Outras possibilidades são visitas aos set de filmagens de produções das séries Only Murders in the Building e Sugar e do reality RuPaul's Drag Race.

“O SoCal Fire Fund é uma organização incrível dedicada a fornecer iniciativas de recuperação e apoio vital para aqueles afetados por esta tragédia”, afirmou Roberts em um comunicado. “Quero fazer minha parte para ajudar a amplificar sua missão e reunir apoio para as famílias que mais precisam.”

A fundação foi criada pela Creative Artists Agency, uma agência californiana de artistas, pelo CORE (Community Organized Relief Effort), uma ONG humanitária criada pelo ator Sean Penn e a cantora Ann Lee, e pela Fundação Educacional do Distrito Escolar Unificado de Los Angeles, um dos locais atingidos pelo incêndio.

## O mundo depende de Trump

Sou daquela corrente de espectadores que ao assistirem as festividades que marcaram a posse do presidente Donald Trump, nos Estados Unidos, ficaram a cismar se é racional depositar assim sobre uma só pessoa o destino do mundo.

Como ele estará se sentindo com tamanha responsabilidade? Será que terá equilíbrio psíquico para suportar o fardo de ter de decidir, agora se sabe com muita clareza, não sobre a sorte de seu povo, mas sobre a sorte de todos os povos da humanidade?

Mais importante que todas as guerras que espocam todos os anos em alguns pontos da terra, é a economia mundial, o mercado tecido pelos países, o mundo financeiro que está por trás do trabalho de todas as nações.

Um homem só, reunido com sua família nos aposentos da Casa Branca, terá podido dormir as primeiras noites no Poder, sabendo que cairão sobre ele, semana após semana de mandato, os pesadelos deste Apocalipse da economia e dos vários enfrentamentos políticos, raciais, religiosos e econômicos que redundarão inevitavelmente em guerras nos próximos anos?

## O mundo depende de Trump...2

Ninguém em sã consciência poderá ter dúvida de que este homem está vivendo hoje um sonho delirante.

Dá para imaginar Trump, deitado na cama ao lado de sua mulher, protegido ali fora pela segurança pessoal mais perfeita do mundo, conversando sobre a sucessão frenética de acontecimentos que culminaram com suas primeiras noites na Casa Branca.

Para Trump, creio que é quase impossível dormir. Deve passar pela sua cabeça que é um homem que detém mais poder do que detiveram César, Alexandre, Xerxes, está sob suas ordens o exército mais aparelhado da história da humanidade.

Uma simples ordem sua pode decretar o Irã sepultado sob escombros e a Coreia do Norte transformar-se num cogumelo de fumaça.

## O mundo depende de Trump...3

Um homem cheio de poder e repleto de problemas. Pode ter passado em sua mente em um rápido instante que ele não deveria ter-se metido nessa encrenca.

Com toda a pompa daquelas cerimônias que a televisão mostrou para o mundo, com toda a glória que cerca Donald Trump, muita gente – e aí eu me incluo – não gostaria de estar na pele dele, embora nossos problemas pessoais tenham a mesma gravidade dos dele.

Mas os meus e os seus problemas só atingem a nós. E os problemas de Trump atingem o mundo inteiro.

## Situação de emergência

Muitos prefeitos, cujos mandatos terminaram no final do ano passado, deixaram as comunas em situação de calamidade pública.

Não cumpriram a Lei de Responsabilidade Fiscal, desviaram recursos públicos de maneira desproporcionada e não cuidaram, como era de se esperar, dos serviços mais necessários e prementes da população, como saúde e educação.

Transmitiram, portanto, aos sucessores, verdadeiras heranças malditas e sem o cumprimento das corriqueiras formalidades legais, o que tem levado os novos gestores – não todos, é verdade – a lançarem mão de um recurso que a administração pública prevê e recomenda denominado Situação de Emergência.

Tais prefeitos, também com propósitos ou intenções dolosas, decretam o expediente da Situação de Emergência, para, como base nele, em caráter de urgência, contratar serviços e comprar materiais e equipamentos sem necessidade de recorrer à licitação pública

## Ame sem explicação

Da internet, recebo mensagens atribuídas a Madre Tereza de Calcutá, que merecem uma reflexão:

1) Não ame pela beleza, pois um dia ela acaba. Não ame por admiração, pois um dia você se decepciona. Ame apenas, pois o tempo nunca pode acabar com um amor sem explicação.

2) Às vezes pensamos que a pobreza é apenas fome, nudez e desabrigo. A pobreza de não ser desejado, não ser amado e não ser cuidado é a maior pobreza.

3) Não sei ao certo como é o paraíso, mas sei que quando morreremos e chegar o tempo de Deus nos julgar, Ele não perguntará quantas coisas boas você fez em sua vida, antes, Ele perguntará quanto amor você colocou naquilo que fez.

## Parece, mas não é

Nem tudo o que parece é. Por isso, aproveite as dicas do professor de português e, na próxima vez que for utilizar um desses clichês a seguir, saiba pelo menos qual era a forma original do ditado.

“Esse menino não para quieto, parece que tem bicho-carpinteiro” (o correto: Esse menino não para quieto, parece que tem bicho no corpo inteiro); “Batatinha, quando nasce, esparrama pelo chão” (Batatinha, quando nasce, espalha a rama pelo chão); “Cor de burro quando foge” (Corro de burro quando fuge); “Quem tem boca vai a Roma” (Quem tem boca vai a Roma, isto mesmo, do verbo vaiar, vaiar os poderosos da época); “Cuspido e escarado”, quando alguém quer dizer que é muito parecido com outra pessoa (Esculpido em carrara, que é um tipo de mármore); e, finalmente: “Quem não tem cão, caça com gato” (Quem não tem cão, caça como gato).

## PH Revista e convites

É impressionante o entusiasmo e a quantidade de adesões, cada dia maior, dos convidados para a edição 2025 do tradicional Almoço de Carnaval promovido por esta coluna e o caderno PH Revista.

Estamos a menos de um mês do evento, que será no dia 22 de fevereiro, no Palazzo Eventos e já temos confirmada a data de 9 de fevereiro, para o início da entrega das camisetas-convites para essa grande confraternização da sociedade maranhense.

A partir das 10h do dia 9 (domingo) – e durante o restante do dia, uma grande equipe comandada por este Repórter PH e Teresa Martins, estará a postos numa sala especial do Rio Poty Hotel, para fazer a entrega das camisetas-convites para o almoço mais badalado da temporada carnavalesca de São Luís.

## PH Revista e convites...2

É importante lembrar aos convidados que eles devem fazer a confirmação de presença o mais breve possível para que possamos proceder as reservas das camisetas.

Este ano, quem não confirmar com antecedência correrá o risco de ficar de fora da folia, pois não teremos tempo, após a semana de entrega, para confeccionar novas camisetas.

As camisetas são de uso obrigatório pelos convidados para terem acesso à festa, e são pessoais e intransferíveis.

Ou seja, não adianta passar a camiseta para terceiros, pois quem não tiver o nome confirmado na lista de convidados, terá o acesso negado.

## PH Revista e convites...3

Esse encontro, que reúne o creme da sociedade maranhense e acontece sempre no sábado magro de Carnaval, é exclusivamente para convidados.

A lista, como todos sabem, vem sendo mantida há mais de 30 anos, sem grandes alterações, pois são raríssimos os acréscimos ou exclusões.

Para a confraternização deste ano, que marca os 46 anos de circulação do suplemento PH Revista e os 37 anos do Almoço do PH, a designer Cintia Klamt Motta escolheu para tema da decoração, uma releitura da versão árabe de “As Mil e Uma Noites”.

Cintia projetou uma ambientação inspirada nas belezas do mundo árabe para compor o cenário dessa grande festa do nosso Carnaval, considerada o momento de maior charme, glamour e elegância da temporada nesta Capital.

## Patrimônio cultural

O Carnaval está chegando. E com ele aumenta a expectativa de que haja crescimento do número de turistas em São Luís.

Mas não se pode afirmar que os maranhenses estejam muito orgulhosos em mostrar o rico patrimônio arquitetônico da cidade, a começar pelo seu Centro Histórico, que anda esquecido pelas autoridades, com os casarões desabando ou virando estacionamentos, infelizmente.

O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) aponta a descontinuidade do programa de requalificação como a grande vila que está condenando o trabalho que ali foi desenvolvido ao longo dos últimos 20 anos.

Vale mencionar que temos mil imóveis de área tombada federal, 1.440 inscritos na Unesco e 5.500 de responsabilidade do Estado, os quais merecem atenção especial.

O descaso com o nosso patrimônio causa a pior impressão aos turistas que nos visitam. Ao percorrerem becos e ladeiras do Centro Histórico, eles se depararam, inevitavelmente, com a falta de manutenção dessas preciosidades históricas.



Divulgação/Hernert Alves

A Clara Feijó Sousa é a debutante deste fim de semana. Seus pais Michelle e Anderson Bentes de Sousa preparam uma grandiosa festa para este sábado 25), no Residencial Recepções, para comemorar a data. A decoração do ambiente terá o toque de bom gosto da designer Cintia Klamt Motta

## Cuidado com as citações

Se o texto apócrifo é uma praga antiga, a citação abusiva não o é menos. Há criaturas que, para justificarem uma tese ou tornarem credível um texto, recorrem a frases alheias, muitas célebres e já feitas clichê, venham elas de Platão ou Churchill, Pessoa ou Lacan, Homero ou Lincoln.

Citar substitui a leitura, tal como a vaga ideia substitui o pensamento.

Há vários livros e sites de citações, e deles não vem mal ao mundo; mas já o seu uso leviano ou acéfalo é, pelo contrário, coisa a evitar. Se há palavra usada e abusada, é esta: a de Deus. Não falta quem se arroge a invocá-lo para justificar tudo, mesmo as ideias mais perdidas ou os atos mais criminosos. E esta “cagueira” começa por ser exaltação.

## Cuidado com as citações...2

No Brasil, certa vez um deputado apresentou um projeto de lei para tornar a Bíblia “patrimônio nacional, cultural e imaterial do Brasil e da Humanidade”. Corresponde, por alto, a decretar que a água é líquida ou que uma esfera é redonda, já que a Bíblia não precisa de leis para se tornar patrimônio universal.

Mas o deputado, ex-militar que dizia ter curado a sua homossexualidade com “a palavra de Deus” (pena que não tenha curado o que o levou a tal afirmação), quis chamar a si a profética tarefa.

Ora, num congresso onde as facções dominantes já são conhecidas por BBB (Bíblia, Boi e Bala), imagina-se o efeito disto.

## Cuidado com as citações...3

Sobre a Bíblia, li há algum tempo um interessante texto intitulado “Não invocar o nome de Deus em vão”. E mais: “Nunca temos acesso à ‘Palavra de Deus’ de modo imediato. Estritamente falando, a Bíblia não é a Palavra de Deus, mas um conjunto de testemunhos de fé de crentes que se situam numa tradição particular da experiência religiosa.”

O pior, fora dessa experiência, é que muitos dela se apropriam no sentido mais vil. E o que deveria ser inspiração benigna passa a justificação de tormentos.

Em outro campo, há entre as simplificações do pensamento uma particularmente irritante: o abuso de Fernando Pessoa na já estafada frase “A minha pátria é a língua portuguesa” ou até, neste caso mal citado, “A minha pátria é a minha língua.” O que escreveu Pessoa, a coberto do seu heterônimo Bernardo Soares, no Livro do Desassossego? Na íntegra, e na ortografia original, anterior à grafia oficial decretada em 1911, escreveu isto (corresponde aos 2 últimos parágrafos, de 5, do trecho 259):

“Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como escarro direto que me enjoja independentemente de quem o cuspiu. Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-a do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.”

É bem menos cômodo e romântico do que a frase tirada do seu contexto, não é verdade?

## Cuidado com as citações...4

Por último, uma cena de um filme que é um achado. Woody Allen, no seu Annie Hall (1977), inventa um diálogo que põe em causa o abuso do pensamento de outrem.

Na fila de um cinema, o personagem que ele interpreta (Alvy Singer) ouve alguém atrás dele (o ator Russell Horton) dizer para a namorada: “O Marshall McLuhan trata a questão em termos de alta intensidade. Está percebendo? Um médium quente...”

Allen diz que ele não faz a mínima ideia do que diz McLuhan, mas Horton defende-se: “Ai é? Por acaso até dou uma cadeira em Columbia sobre TV, Mídia e Cultura. E acho que as minhas ideias sobre o sr. McLuhan têm imensa validade.”

Allen riposta: “Ai acha? Calha bem, porque tenho aqui o sr. McLuhan.” E Marshall McLuhan, o próprio, surge em cena e diz: “Ouvi o que disse. Não sabe nada do meu trabalho. (...) É espantoso que o deixem dar uma cadeira do que quer que seja.”

É nesse momento que Woody Allen, na pele de Alvy Singer, se vira para os espectadores e diz: “Se a vida fosse assim...” Infelizmente não é.



A primeira-dama elegeu o criador independente Adam Lippes que criou uma saia e casaco azul-escuro em lã de seda. A combinar: um chapéu no mesmo material

# MELANIA TRUMP VESTE AZUL PATRIÓTICO NO REGRESSO À CASA BRANCA

A moda serve para comunicar mensagens e historicamente tem sido assim com as primeiras-damas dos EUA. Melania Trump regressou à Casa Branca num tom patriótico, evocando a bandeira dos EUA. A nova (repetente) primeira-dama escolheu azul-escuro para a tomada de posse de Donald Trump, enquanto 47.º Presidente dos EUA. A completar o visual, um chapéu que escondeu os olhos (e as emoções) da ex-modelo durante toda a cerimônia.

A cor eleita é uma escolha segura com um sobretudo sobreposto a fazer jus à temperatura negativa em Washington, na última

moda serve para comunicar mensagens e historicamente tem sido assim com as primeiras-damas dos EUA. Melania Trump regressou à Casa Branca num tom patriótico, evocando a bandeira dos EUA. A nova (repetente) primeira-dama escolheu azul-escuro para a tomada de posse de Donald Trump, enquanto 47.º Presidente dos EUA. A completar o visual, um chapéu que escondeu os olhos (e as emoções) da ex-modelo durante toda a cerimônia.

A cor eleita é uma escolha segura com um sobretudo sobreposto a fazer jus à temperatura negativa em Washington, na última segunda-feira, que levou a que cerimônia fosse mudada para o interior do Capitólio. O primeiro vislumbre de Melania Trump foi durante a manhã quando o Presidente e a primeira-dama eleitos foram a uma celebração religiosa na Igreja de St. Johns.

Mantendo a regra quase implícita de que as primeiras-damas devem usar criadores de moda norte-americanos na tomada de posse, Melania Trump fez jus às expectativas e apostou num criador independente. O casaco de lã de seda, uma saia do mesmo tom e uma camisa de seda pérola são assinados por Adam Lippes, que fez carreira na grife Oscar de la Renta, antes de se dedicar à sua própria grife, em 2004.

A aposta num criador quase desconhecido pode ser uma manobra estratégica do stylist de Melania Trump, Herve Pierre, que já tinha confessado à

WWD que tinha dificuldade em encontrar quem queira vestir a primeira-dama por motivos políticos. Assim, dizia, “quase toda a roupa é comprada em loja” em vez de vir de uma relação com as casas de moda.

Desta vez, no entanto, foi diferente. “A tradição da tomada de posse presidencial incorpora a beleza da democracia americana e hoje tivemos a honra de vestir a nossa primeira-dama, a Sra. Melania Trump”, declarou o estilista Adam Lippes à revista Vogue, explicando que a cor tem a ver com patriotismo, sendo o mesmo azul da bandeira norte-americana. “O terno da Sra. Trump foi criado por alguns dos melhores artesãos americanos e tenho muito orgulho em mostrar esse trabalho ao mundo”, acrescentava.

Já o chapéu a condizer foi feito pelo chapeleiro Eric Javits, que no fim-de-semana confessou à WWD que tinha entregado a criação sem saber se a primeira-dama o usaria. O chapéu foi feito com a mesma seda da saia e do casaco de Melania e o chapeleiro recorreu a outro chapéu da ex-modelo para tirar medidas, costurando cada ponto à mão num processo artesanal. Contudo, houve um pequeno incidente: Javits enviou o produto final para Nova York no mês passado, mas ficou danificado no transporte. “Não podia ser reparado, devido à sua construção. Foi um impasse”, conta. Não havia outra solução e foi necessário fazer tudo de novo, enviando o novo chapéu através de um condutor particular para evitar novos danos.

O chapéu chegou intacto e a primeira-dama usou-o mesmo. Não é a primeira vez que Melania Trump usa chapéu, ainda que o acessório não seja comum nas primeiras-damas numa tomada de posse – a última vez que aconteceu foi em 1993 com Hillary Clinton. Agora, o chapéu de pala generosa ofuscou a excelência da construção do sobretudo e sobrepôs-se a todo o visual. Talvez fosse esse o propósito, quase camuflar a primeira-dama.

## Jill Biden despede-se de roxo

Na manhã do dia 20 de janeiro,

Melania e Donald Trump foram recebidos na Casa Branca por Joe e Jill Biden, ambos vestindo a grife Ralph Lauren (o criador norte-americano também vestiu Melania Trump em 2017). A ainda primeira-dama escolheu um coordenado de vestido e sobretudo roxo para a despedida de Washington, num apelo à união. A cor resulta das misturas das cores dos dois partidos dos EUA – azul do Partido Democrata e vermelho do Partido Republicanos – e também evoca os estados oscilantes, a que os norte-americanos chamam de purple states.

Jill Biden foi a única a vestir roxo, com a vice-presidente Kamala Harris usando um terno negro na despedida da Casa Branca. Na Sala do Capitólio estava, ainda, Hillary Clinton usando um casaco azul-marinho Stella McCartney, informa a revista Vogue. Quem se escusou de marcar presença foi Michelle Obama, com Barack Obama sentado sozinho ao lado dos restantes ex-Presidentes.

No clã Trump, Ivanka surgiu ao lado do irmão, Donald Trump Jr., usando um terno verde Dior com uma touca combinando e uma bolsa Lady Dior na mão. A filha do Presidente vestiu Oscar de la Renta ao longo de todo o fim-de-semana de celebrações, o que causou reações negativas junto dos fãs da marca. “Fascismo, mas faça-o na moda”, escreveu um internauta. E outro lamenta: “A integridade da marca Oscar de la Renta vai por água abaixo.”

A marca vestiu também a “segunda-dama” Usha Vance para o banquete do fim-de-semana. Para a cerimônia de segunda-feira, a mulher do vice-presidente, J.D. Vance, vestiu um casaco rosa “pastilha elástica” com um cinto marcando a cintura também da Oscar de la Renta.

Com a nova administração Trump esperam-se quatro anos de muitos coordenados de Melania Trump (e também de Usha Vance). Fica por ver se a nova primeira-dama vai manter a predileção por estilistas europeus que mostrou durante a primeira passagem pela Casa Branca ou dará uma oportunidade renovada às etiquetas norte-americanas, mantendo o patriotismo que vestiu no primeiro dia.



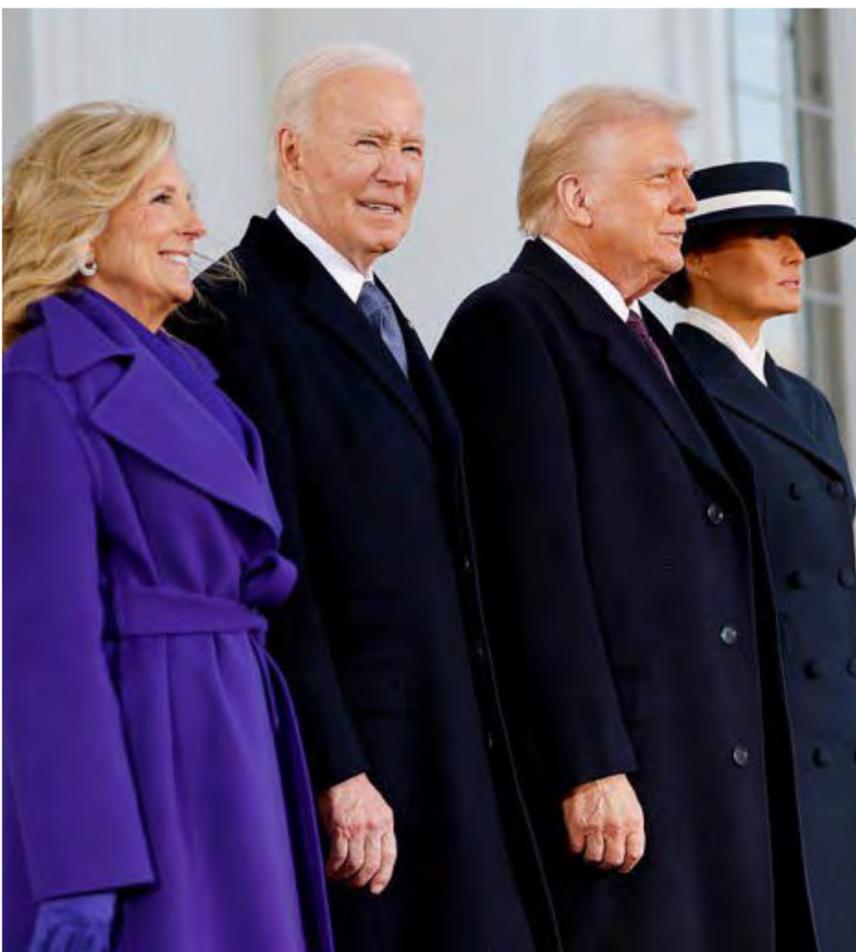
Donald Trump e Melania Trump no juramento da Constituição



De Jill Biden em 2021 a Hillary Clinton em 1993, é comum ver as primeiras-damas norte-americanas a apostar em azul para a tomada de posse no Capitólio



Kamala Harris e Doug Emhoff posam com J.D. Vance e Usha Vance



Jill e Joe Biden com Donald Trump e Melania

## AS PRIMEIRAS-DAMAS DOS

A tomada de posse de um novo Presidente dos EUA é sempre um momento ansiosamente esperado também pelos fãs de moda. Com uma nova (ou repentina) primeira-dama abre-se uma nova linha de estilo na Casa Branca, a começar pela cerimônia inaugural no Capitólio, na última segunda-feira. Frequentemente o que vestem as mulheres dos Presidentes, bem como outras figuras

proeminentes, esconde importantes mensagens políticas. Eis o que elegeram para vestir as primeiras-damas nas tomadas de posse dos últimos 30 anos.

a tomada de posse de Joe Biden, em 2021, várias mulheres se vestiram de roxo, incluindo Kamala Harris, Michelle Obama e Hillary Clinton, no que foi interpretado como um apelo claro à união. A cor resulta das misturas das cores dos dois

partidos dos EUA – azul do Partido Democrata e vermelho do Partido Republicanos – e também evoca os estados oscilantes, a que os norte-americanos chamam de purple states.

Mais: o roxo é também uma cor que homenageia o feminismo por estar presente na bandeira sufragista.

Roxa foi a cor usada por Jill Biden para a sua despedida da Casa Branca.



Melania Trump com um conjunto Ralph Lauren, em 2017



Na segunda posse de Trump, a primeira-dama Melania elegeu uma saia e casaco azul-escuro em lã de seda. A combinar: um chapéu no mesmo material



Num contraste com a confiança do segundo mandato, Michelle Obama chegou à Casa Branca em 2009 com alguma timidez. Ainda assim, para o primeiro grande visual enquanto primeira-dama elegeu a criadora cubana Isabel Toledo



Michelle e Barack Obama na segunda tomada de posse, em 2013



Na primeira posse de Clinton, a nova primeira-dama jogou pelo seguro e apostou na cor dos democratas. Hillary elegeu um conjunto azul de vestido e casaco de Connie Fails com um laço no pescoço, mas sem grande novidade no corte



Em 1997, na segunda posse de Bill Clinton, Hillary Clinton vestiu um conjunto rosa vivo de Oscar de La Renta. Foi a única primeira-dama a vestir cor-de-rosa numa tomada de posse

## Uma obra-prima

Remexendo velhas estantes dei de cara com um manjar raro para quem aprecia a degustação de uma obra-prima: a edição em língua portuguesa, de O Idiota da Família, de Jean-Paul Sartre, que estou relendo com os olhos da maturidade.

Houve um momento, no final dos anos 1960, em que a maioria dos críticos considerou a carreira literária de Jean-Paul Sartre esgotada e encerrada. Foi quando o grande filósofo e escritor surpreendeu o mundo com as quase 3 mil páginas impecavelmente escritas dos três volumes de O Idiota da Família, um estudo sem precedentes da vida e da obra de Gustave Flaubert, que, na infância, chegou a ser considerado quase um débil mental e, na idade madura, com devoção de sacerdote e o trabalho obstinado de operário, construiu o monumento Madame Bovary.

## Uma obra-prima...2

“A estupidez não está de um lado e o espírito do outro. É como o vício e a virtude; sagaz é quem os distingue” – escreveu Flaubert.

Sartre teve a sagacidade de distinguir, ao estudar a família de Flaubert, que aquele que os parentes consideravam “idiota” na verdade era um espírito superior.

A diferença entre Flaubert e a maioria dos grandes que vieram antes e de muitos que vieram depois foi o seu extremo cuidado formal, isto é, a melhor expressão possível do conteúdo. Cada frase era tratada como se fosse a última, o texto era burilado e refeito várias vezes até que encontrasse o tom e a palavra exatos: “O autor na sua obra, deve ser como Deus no universo, presente em toda a parte, mas não visível em nenhuma”.

Apesar dessa grandeza enfática, nas 4 mil páginas de sua correspondência, constata-se a incerteza do autor: “Salvo se formos cretinos, morremos sempre na incerteza do nosso próprio valor e do da nossa obra”, confessou certa vez.

Mas combatia essa insegurança com uma espécie de desafio a si mesmo: “Para se ter talento, é necessário estarmos convencidos de que o temos”.

No final da vida, entretanto, Flaubert teve certeza sobre a excelência de Madame Bovary: “Morro como um cão... E essa prostituta da província será eterna”.

## Uma obra-prima...3

Para escrever O Idiota da Família, Sartre percorreu as páginas do grande romance de Flaubert com um olhar inteiramente novo, descobrindo as delicadas linhas que ligaram a vida pessoal do escritor e a sua extraordinária ficção.

O idiota da infância, percebeu Sartre, transformou-se num gênio capaz de sublimar sua própria fragilidade.

Há quem diga que a leitura dessa obra colossal deixa uma suspeita inevitável: talvez Flaubert tenha sido para Sartre a redenção que Madame Bovary foi para Flaubert.

## Uma obra-prima...4

A propósito, a frase, a seguir, dita por Jean-Paul Sartre, talvez justifique a obsessão dele por Flaubert: “Flaubert representa, para mim, exatamente o contrário da minha própria concepção da literatura: um alienamento total e a procura de um ideal formal que não é, de modo algum, o meu...”

Obsessão essa que consumiu anos da vida do escritor e o levou a escrever a biografia definitiva do autor de Madame Bovary.

Em O Idiota da Família, Sartre proporciona ao leitor um livro enorme, dividido em três tomos, que é lido como uma grande aventura. É uma investigação minuciosa e maníaca do início da infância do menino Gustave, em que Sartre procura, nas trajetórias individuais do pai, da mãe, do irmão mais velho, da irmã caçula, nas características socioeconômicas da família Flaubert, nos acontecimentos históricos da época, elementos de explicação para essa estranha criança que foi Gustave: espremido entre os irmãos, meio apatetado, que aos sete anos ainda não sabia ler, mas aos treze já escrevia cartas e livros.

O Idiota da Família foi traduzido para o português por Júlia da Rosa Simões.



O governador do Rio, Claudio Castro com os representantes do Consórcio Rio Barcas

# UMA VITÓRIA MARANHENSE

Um dos mais bem sucedidos empresários maranhenses, com um histórico pessoal de grandes conquistas empresariais no Maranhão e em alguns dos principais estados brasileiros, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes inaugurou 2025 com uma grande vitória.

O governador do Estado do Rio de Janeiro, Claudio Castro oficializou no último dia 10, a assinatura do contrato com o Consórcio Rio Barcas, vencedor

da licitação para operar o sistema de transporte aquaviário no estado.

A cerimônia foi realizada no Palácio Guanabara e contou com a presença do governador, do secretário estadual de transporte, Washington Reis, do secretário executivo de Niterói, Felipe Peixoto e de representantes do consórcio, entre os quais Luiz Carlos Cantanhede Fernandes.

O consórcio é liderado pela BK Consultoria, mas também conta com a

Internacional Marítima, a Innovia Soluções Inteligentes e a Sudeste Navegação.

O acordo tem validade de cinco anos e foi assinado por Pierre Rafiki Orfali, presidente da BK Consultoria, e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes, presidente da Internacional Marítima.

A transição entre a atual operadora e o novo Consórcio deverá ocorrer até o final de fevereiro deste ano.



Em São Luís, Luiz Carlos Cantanhede Fernandes e seu filho Cristiano Barroso Fernandes com o governador Carlos Brandão

## Enciclopédia da estupidez humana

Bouvard e Pécuchet, os últimos dois personagens do escritor Gustav Flaubert, sobreviveram além do próprio autor. É normal esta história de criador e criatura conflituarem. Se é difícil com um protagonista, imaginem, senhoras e senhores, contra dois.

A última aventura conhecida das insígnias figuras se deu numa tal película chamada “O sanduíche frio está fora de foco”, a qual não comentarei aqui para não parecer cabotínice ou defesa em causa própria.

Bouvard e Pécuchet foram de tudo um pouco na vida: quiseram compreender o funcionamento do universo, como nascem os feijões, estudaram teologia para, quem sabe, viver às custas da

igreja como curas da comunidade; experimentaram química e fisiologia, leram os romances de sua época, tentaram decodificar os signos do amor, responder questões filosóficas, tratados políticos, estéticos, os mistérios da vida, como se educar filhos, enfim, tudo e mais um pouco.

Mas como metáfora da humanidade os dois talvez tivessem consciência de que o destino era mesmo virar semente e que saber ou não saber não faz muita diferença na hora de dormir. Eu disse “talvez” porque Flaubert morreu antes de concluir o romance.

Assim, os personagens rondam o mundo a espera de que alguém dê um fim em vidas tão atribuladas.

## Enciclopédia da estupidez humana...2

A última vez que foram vistos, ainda na Ilha de São Luís, admiravam, muito próximos à ponte de São Francisco, o merdário ali existente. Gostavam até daquele cheirinho “agradável” do que a burguesia defecava. E para não perder o hábito e nem se desfazer da essência traçada por Flaubert resolveram criar coelhos.

Casaram com uma mulher, apenas uma para os dois, para não ter muita discussão e cobranças femininas do tipo: baixar a tampa do vaso, guardar a meia suja no cesto de roupas sujas, tapar a bisnaga do sabonete para os dentes, tirar meleca do nariz quando para no sinal, e, claro, discutir a relação. Casaram mesmo porque criar coelhos não é muito fácil. Bom para dois, mas muito melhor para três.

## Enciclopédia da estupidez humana...3

E sobre a criação de coelhos? É óbvio que não poderia dar certo. Depois de acertarem uma venda de centenas de bichinhos, já com o caminhão de coelhos próximo ao Mercado Central e o vendedor com o dinheiro na mala, Bouvard, num ímpeto, com pena dos comedores de cenoura, soltou-os todos.

Depois desse evento, a mulher pediu separação, é óbvio, e eles foram dar risadas na abertura de uma Feira do Livro, na

Praça Maria Aragão.

Riram muito dos discursos notadamente tirados do dicionário de ideias feitas, das citações nominais sem sentido algum, como se aquilo tivesse alguma coisa a ver com livros, como se alguma coisa fosse ser tão surpreendente e irônica quanto as existentes nos livros, e, claro, como a própria recriação destes dois personagens tão humanos, demasiadamente humanos.

## Vida urbana e o risco de ficar falando sozinho

1 Há medo no ar. Nossa intimidade está sendo devassada. Ninguém se sente seguro. Querem saber tudo de você. Na caixa do supermercado, aquele que ocupa um lugar atrás na fila se debruça para saber RG, CIC, telefone e endereço de quem está sendo atendido.

Mesmo sem ficar interessado nos dados do outro, essa pressão significa que há vontade de ocupar o espaço alheio.

2 Nada mais é inesquecível, tudo está na mão. A memória era um lugar, hoje é lugar nenhum. Faz parte do consumo. A cena esquecida do filme perdido está no You tube. E o resgate do passado, feito agora, acaba sendo tratado como pão adormecido.

Hoje, ficar impactado com um filme não pega bem. A moda é negligenciar a obra alheia.

3 Quem lê Máximo Gorki, não precisa ler mais nada. Algumas cenas nos deslumbram pela contundência, pela precisão dos detalhes, pelo fragor da narrativa, pela atualidade.

Fellini deve ter lido, pois a literatura de Gorki revela que estamos cercados pelo surrealismo.

E mais ainda: que a realidade é hiper-real, que os seres humanos são um mural de exceções, o que chamariam hoje de diversidade.

4 É mansa essa passagem entre dois eixos, o firme estanho do sol e a morna geleia que anuncia a noite. Ainda é cedo, mas a coruja antevê o sereno. Monstros abrem o olho. Estrelas invisíveis fervem no cinza azulado e aguardam o breu para tocar o sonho.

Tudo está atento como na véspera do Juízo. Ninguém dorme a sesta de escombros.

Há um despertar de açóites, corações incertos, algas que se soltam da cabeça.

O acordo era andar, mas há uma pré-estreia de sonâmbulos.

5 O que ficava no fundo, veio à tona. O que era oculto foi decifrado. Quem estava escondido, deixou de ser tímido. Quem guardava um tesouro, embriagou-se. Quem estocava palavras, desandou.

Não há mais segredos, embora persistam os mistérios.

O mundo é um enorme divã, mas a angústia permanece. A pobreza de espírito implantada impede que se formem feixes de luz, ambientes habitáveis, grandezas.

Há um espalhar de ruínas. Os ventos sopram, invariavelmente, restos de uma estranha ferocidade.

6 Não existem mais fantasmas. Acho que o motivo é o excesso de luzes firmes. Espíritos precisam de fagulha, chama de vela, crepitar de fogueira. Eles são atraídos pela indecisão do fogo entre brilho e sombra.

Lembro das labaredas que começavam com folhas secas no crepúsculo no meio do mato. Elas migravam para gravetos e galhos e chegavam submissas, em forma de brasas, às toras, que duravam até alta madrugada.

Enquanto havia clareza, permanecíamos acordados, atentos aos barulhos, inexplicáveis.

7 A verdade é que não importa mais quem faz o quê. O que vale é preencher as milhares de horas disponíveis para servir de recheio no sanduíche dos mega interesses.

Não é que o mundo tenha mudado. O mundo, de fato, acabou. Viramos marcianos a olhar, incrédulos, o que fizeram com o lugar onde passamos a maior parte de nossas vidas.

A destruição é tão completa que fica difícil explicar para os mais jovens como foi que aconteceu o desastre.

Corremos o risco de ficar falando sozinhos, diante de pelotões infundáveis de celulares.



Rômulo Estrela com parte do elenco do filme

O filme "Perfekta" (Mixer Films / Globo Filmes.), que tem no elenco o ator maranhense Rômulo Estrela, levou o prêmio Rose d'Or Latinos na categoria Infantil. A cerimônia de premiação foi realizada em Miami, durante o Content Americas.

O filme recebe esse prêmio do Rose d'Or Latinos em um contexto de celebração ao cinema nacional. Com grandes títulos reconhecidos internacionalmente, e que

reaproximaram o público brasileiro das salas de cinema, como "Ainda Estou Aqui" e "O Auto da Compadecida 2", o longa "Perfekta" traz mais uma vitória para a cultura brasileira, desta vez destacando a qualidade do audiovisual também em produções infanto-juvenis.

A obra aborda a aventura dos jovens gênios Isa (Sophia Rosa), Tom (Enzo Ignácio) e Linus (Murilo Gricolo), que precisam salvar a

memória do robô Einstein, um dos mais antigos da escola.

Para realizar essa missão, eles vão atrás da ajuda de um misterioso cientista, que vive recluso com sua filha Nano (Ana Carolina Leite) em um lugar onde humanos não são bem-vindos: o Laboratório Perfekta.

É nesse lugar que vão se passar as peripécias recheadas de ciência e tecnologia.



Fotos/Divulgação

Vanna Cabral entre Dalva Rêgo, o filho Joaquim Coelho, Almiston e Célia Marinho

Professora de Direito e criadora de conteúdo digital Vanna Cabral levou toda a sua expertise e experiência para o projeto 'Terça para Mulheres' (TPM), realizado semanalmente na AmoVinho Bistrô & Adega e que reúne profissionais das mais diferentes áreas. Vanna falou sobre o tema 'Equilíbrio ou

acrobacia: os desafios da mulher atual no mercado de trabalho'. Ela é uma referência técnica na área de Direito Processual Civil e autora de conteúdos no Instagram, onde compartilha reflexões sobre Processo Civil e o cotidiano da mulher moderna, chamando a atenção de mais de 84 mil seguidores.



Procuradora-geral do município de São Luís Valdélia Campos da Silva Araújo, Célia Marinho e Vanna Cabral

- Iniciativa que promove a saúde mental e emocional, a campanha Janeiro Branco está sendo trabalhada também junto aos colaboradores da Granorte, com enfoque no bem-estar psicológico e estímulo à busca por cuidados especializados.

- Dentro da empresa, as ações são realizadas por meio do Projeto Semeiar, grupo terapêutico desenvolvido para promover a saúde mental no ambiente de trabalho. As ações são realizadas em parceria com o Sesi.

- No Janeiro Branco deste ano, o tema da campanha convida a refletir e agir de forma contínua em prol da saúde mental.

- Com o lema "O que fazer pela saúde mental agora e sempre?", a proposta busca reforçar a importância de ações consistentes e duradouras para o cuidado com a mente, indo além de iniciativas pontuais e promovendo um estilo de vida mais equilibrado e saudável.

- A campanha deste ano enfatiza que a saúde mental não deve ser vista apenas como uma prioridade em momentos de crise, mas como um cuidado diário, feito de escolhas conscientes e práticas acessíveis.

- Desde buscar apoio psicológico até criar rotinas que favoreçam o bem-estar emocional, a mensagem é clara: pequenos passos hoje podem garantir grandes transformações ao longo da vida.

- O MBA em Direito do Trabalho e Previdenciário, que possibilita um estudo teórico-prático desde os fundamentos constitucionais, análise do direito individual e coletivo, enfatizando as regras da previdência social e suas prestações, foi um dos cursos que se destacou em 2024 e deve se destacar também este ano na Faculdade de Negócios Faene. O curso foi coordenado pelos juizes federais Paulo MontAlverne e Saulo Fontes.

- Além desses cursos, destaca-se o MBA em Negócios (One Business), que ensina a aplicar conceitos avançados de gestão e inovação empresarial, preparando o aluno para liderar projetos estratégicos e impulsionar o crescimento organizacional de forma sustentável.



Giselle Collins e Luiz Carlos Cardoso, da Comunicação Corporativa Externa e MKT do Grupo Equatorial, entre o executivo de Comunicação Externa e MKT Carlos Hubert e a equipe de Comunicação da Equatorial Maranhão, durante o 'Encontro com a Imprensa e 360º da Comunicação do Time do Maranhão'



O aniversariante João Duboc entre Clara Picorone, João Carlos Duboc, Tina e Theo Picorone

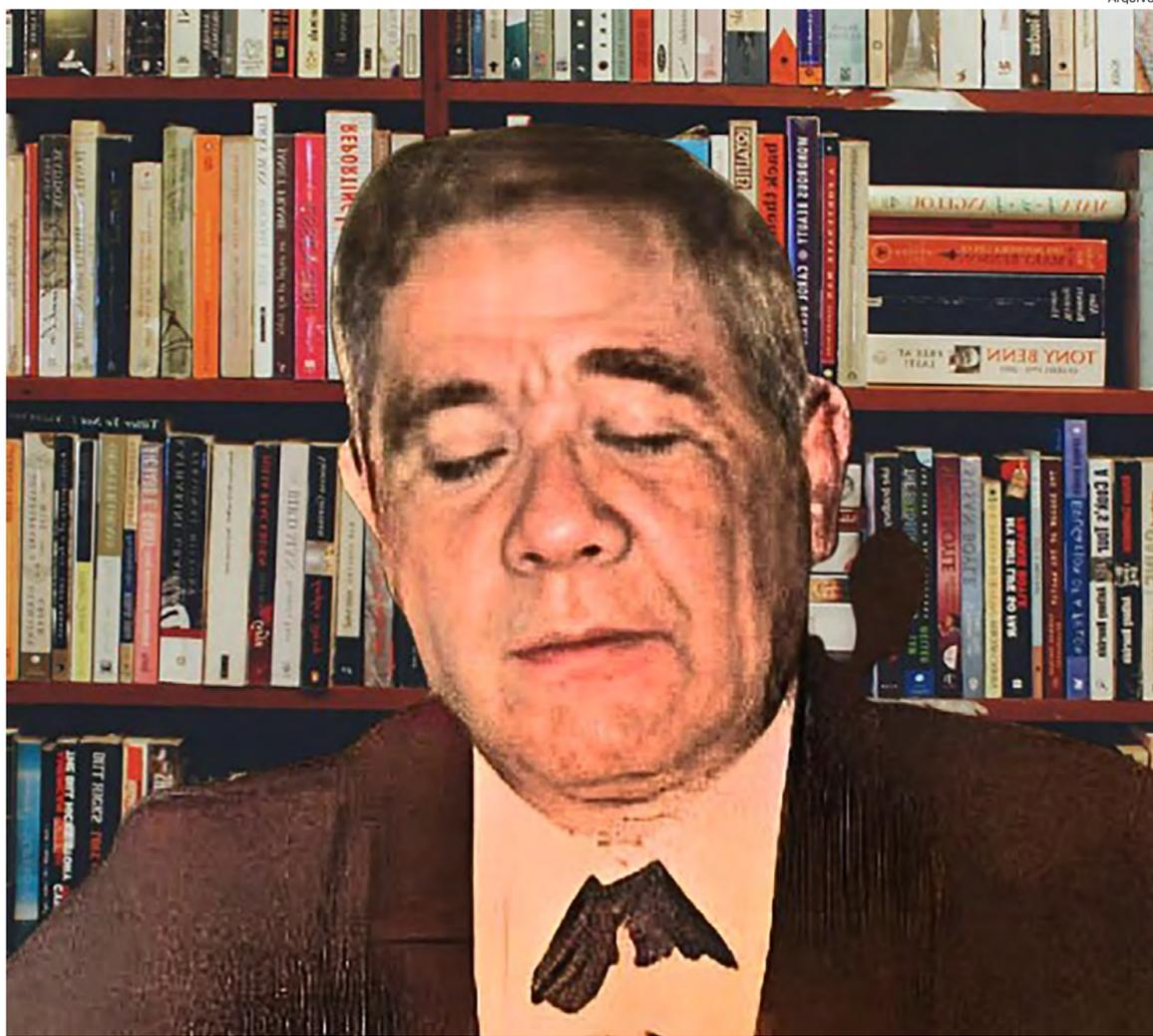
O advogado João Duboc comemorou os seus bem vividos 50 anos reunindo um seletto grupo de amigos no restaurante Villa do Vinho Bistrô. O evento, com produção assinada por Werther Bandeira, contou com presenças de destacados nomes da advocacia maranhense.



Priscilla e Daniel Blume com o aniversariante



Werther Bandeira, da Villa do Vinho, entre Kaio Saraiva e Thiago Diaz, da OAB-MA



Arquivo

*O poeta Luis Augusto Cassas retrata o perfil iconoclasta do escritor Erasmo Dias, esboçando-lhe um retrato fiel daquele que foi o mestre da vida literária de São Luís, no “Poema embalado para José Erasmo Fontoura Esteves Dias”.*

## POEMA EMBALADO PARA JOSÉ ERASMO FONTOURA ESTEVES DIAS

**E**rasmo Dias foi um tipo raro na virginiana ilha, lírica e crítica, de São Luís do Maranhão. Novelista (Maria Arcângela), ensaísta (Páginas de Crítica), autor de caso raro de ineditismo e editismo (Rapsódia de Muitas Teresas, presumido existencialismo

amoroso) que muitos leram e outros sequer creditaram-lhe a existência.

Arranchado na casa dos Apicuns, onde todos passaram, por lá, figurões, medalhados, marginais e aspirantes a vagas de academias de letras para melhorar sua situação pessoal e

social – e lá beber sua cachaça e cicuta, Erasmo se notabilizou mais pelo delírio existencial. Nesse poema, tento retratar o perfil daquele que não se submeteu a burocracia literária mas desfiou o seu teatro de iconoclastia que lhe rendeu mais méritos que sua obra escrita.

**Luis Augusto Cassas**  
(1º Movimento da Rede)

descansa nessa rede de linho branco  
de são bento que mãos santificadas  
pela pobreza trançaram com amor & suor  
enquanto o último bando de guarás incendeia  
o céu & sangra o voo das garças

descansa ouvindo a 2ª sinfonia dos gatos  
vira-latas nos telhados a ópera bufa dos grilos  
nos quintais os conselhos do companheiro  
wladimir ilitch que sussurra algumas palavras  
em teu ouvido esquerdo

descansa os reis magos da noite já depositaram em  
oferenda cachaça de santo antônio dos Lopes  
mandubés do mearim & incenso pra expulsar  
os espíritos inferiores que rondam a tua casa  
e aporrinham o teu sono

descansa fernando já chamou o barbeiro do pompeu  
a manicure dos apicuns & mandamos confeccionar  
no mário um terno de tropical inglês  
para assistires condignamente  
às exéquias dos azulejos

descansa não vai faltar papel no mundo  
& apesar da crise de celulose os escritores  
só morrerão quando o último cupim roer  
a última letra dos livros & ainda assim  
a memória roerá o derradeiro cupim

(2º Movimento da Rede)

repousa teus familiares passam bem: teresa estuda letras  
modernas com o prof. fred williams na universidade da  
Califórnia & mariarcângela desmanchou o casamento  
com um engº da alumar e se amigou com o cantador do  
boi da Madre-de-deus

repousa os teus irmãos judeus serão vingados pelos  
maîtres dos restaurantes franceses que servirão aos  
algozes um cardápio à base de carne de porco à moda  
yom kippur com vinho tinto extraído dos campos de  
concentração

repousa a humanidade continua a morrer

pela boca o amor morre pela boca a boca (planta  
carnívora) continua a mastigar chineses russos e  
americanos com mau hálito dispensa a tua  
pasta de dentes

repousa os direitos autorais de tua solidão serão  
depositados no banco de pasárgada pagaremos a conta de  
água e luz & converteremos os vales do quitandeiro em  
convite pro réveillon de todos os mendigos da cidade (até  
a tua lua burguesa servirá de sobremesa)

repousa a última gaveta do móvel de jacarandá

se fechou dispenso as lamparinas?

já estão aí o oficial de registro civil a passista do quinto e  
o garçom do hotel central com a última taça de xerez  
mando-os entrar?

(3º e Último Movimento da Rede)

descansa (repousa)  
oh tutankamon sem maldição  
em Paz.

## Riso no escuro

**E**ra uma vez um escritor que caçava personagens. Quando disseram-lhe que se caçam também borboletas, não achou uma barbaridade. Esta é uma fábula drummondiana às avessas. Nada tem a ver com o czar naturalista do poeta.

Morto, nascido em São Petersburgo, Rússia, quando fez cem anos de idade Vladimir Nabokov foi homenageado com uma mostra pela New York Public Library, que visitei numa das incursões que fiz a Nova York antes do 11 de setembro que ainda hoje me faz ter medo da cidade. Ele caçava tanto personagens como escritor quanto borboletas como entomólogo. Zombeteiro, lançava um riso no escuro quando diziam que Lolita era pornográfico, o livro que a unanimidade da inteligência considera um dos maiores romances do século passado.

Nabokov, banido politicamente da Rússia, exilou-se em vários países. Eu, desterrado psicologicamente de meu país, estava exilado por uma temporada em Nova York. Diante da realidade que me cercava, estava perdendo o jeito de escrever sobre personagens do Brasil ou de São Luís. Ou seja: sentia-me igual a um locutor em silêncio, querendo falar apenas para aparelhos de rádio desligados.

Há momentos na vida da gente que preferimos escrever sobre mágicos russos. E naquele instante eu olhava para Nabokov como ele olhava para um prestidigitador de rosto empoado, para a flor mágica em sua lapela e especialmente para seus maravilhosos dedos fluidos.

Todas as miragens eram produzidas em seu deserto privado, “sem caravanas nem palmeiras”. Detestava políticos com seus vagos liberalismos fora de época, estados totalitários como a Rússia e “seus tumores embaraçosos” como a China.

Em Evidência Conclusiva confessava interessar-se apenas pelos temas que pareciam ficção em sua vida. Depois diria: “Sou um autor de problemas de xadrez”. Irritava-se quando o comparavam a Joseph Conrad, o escritor polonês. Ora, Conrad começara a escrever já como inglês. Nabokov passara os primeiros 20 anos de sua vida na Rússia. Era, portanto, um russo que fizera aprendizado literário dentro de um painel que ia de Jane Austen a James Joyce.

Nabokov dizia não a quem considerava mediocridades formidáveis. Como, por exemplo, Theodore Dreiser, Tagore, Máximo Gorki, Romain Rolland e Thomas Mann. Até Mann? Sim, achava o romance Morte em Veneza tão desprovido de inteligência quanto o melodrama Dr. Jivago, de Pasternak, ou a obra de Faulkner. Dizia sim a obras primas como Ulisses, de James Joyce, Metamorfose, de Kafka, e à primeira metade da série Em Busca do Tempo Perdido, de Marcel Proust. Abominava Freud, “um homem medieval”, observando que não via guardas-chuva nem balões em seus próprios sonhos. E escrevia para ele mesmo: “Escrevo para mim mesmo, multiplicando-me”.

Neste começo de ano, temporada de festas, revejo-o em Fala, Memória ou Coisas Transparentes, Lolita ou Olha os Arlequins!, Riso no Escuro ou Evidência Conclusiva.

Tanto quanto ele desenhava borboletas, eu desenho seu riso no escuro. É para mim o mágico que gostava de descrever, aquele homem capaz de dissolver a colher num raio de sol ou transformar um prato em um pássaro lançado no ar.

## Deus e o diabo

Um famoso filme francês estrelado por Brigitte Bardot, correu o mundo com o sugestivo título de “E Deus criou a mulher”. Agora um texto que circula na Internet encarrega-se de mostrar que Deus criou a mulher, mas o diabo deu uma mãozinha. Vejamos:

- 1) Deus deu à mulher cabelos sedosos e esvoaçantes. O diabo deu pontas duplas e ressecadas;
  - 2) Deus deu à mulher seios firmes e bonitos. O diabo os fez crescer e cair;
  - 3) Deus deu à mulher um corpo esbelto e provocante. O diabo inventou a celulite, as estrias e o culote;
  - 4) Deus deu à mulher músculos perfeitos. O diabo os cobriu com lipoglicéridios;
  - 5) Deus deu à mulher voz suave, doce e melodiosa. O diabo a fez falar demais;
  - 6) Deus deu à mulher um temperamento dócil. O diabo inventou a TPM;
  - 7) Deus deu à mulher um andar elegante. O diabo investiu no salto alto;
  - 8) Deus deu à mulher uma infinita beleza interior. O diabo fez o homem perceber só o lado de fora;
  - 9) Deus deu à mulher Vinícius de Moraes para louvá-la. O diabo deu a todos os outros para machucar sua sensibilidade.
- Conclusão: o diabo não gosta de mulher.

## Carne

Se nas prateleiras dos supermercados de São Luís o preço da carne bovina disparou, sendo uma das principais causas do aumento da cesta básica e da inflação, no bolso das empresas exportadoras do produto, o prejuízo é menor.

Com o dólar estabilizado em alta, a exportação da carne teve aumento significativo de faturamento de mais de 10% em dezembro, comparado ao ano anterior.

## Genialidade

Nicolau Maquiavel, nascido e falecido em Florença, 1469-1527, é reconhecido como fundador do pensamento e da ciência política moderna, pela simples manobra de escrever sobre o Estado e o governo como realmente são e não como deveriam ser.

E é dele este sábio pensamento, escrito naquela época, mas que continua muito atual: “Os homens são tão simplórios, e se deixam de tal forma dominar pelas necessidades do momento, que aquele que saiba enganar achará sempre quem se deixe enganar”.

## Jóias

Recente pesquisa sobre o mercado de luxo no Brasil, desenvolvida pela consultoria americana Luxury Market Council em parceria com o Instituto Ipsos, as jóias despontam como um dos produtos mais consumidos nesse segmento no país, juntamente com automóveis e roupas de grifes.

A consulta também mostra que o antigo conceito de ostentação está cada vez mais distante do significado do luxo atual, algo mais ligado às recompensas pessoais, prazer qualitativo e experiências marcantes entre consumidores e grifes.